

O Mensageiro



das Boas Novas da Salvação

Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim. —Malaquias 3:1

9 ABRIL 2022

Nº 979

Editorial

AS FILHAS DOS HOMENS

*Pastor Keith Nightingale
Surprise – Arizona – EUA*

O capítulo seis de Gênesis registra o relato do dilúvio que destruiu a humanidade infiel. Geralmente são citados dois motivos pelo juízo drástico de Deus sobre o mundo. O versículo cinco afirma que a maldade dos homens era tanta que “toda a imaginação dos pensamentos de seu coração era só má continuamente” (Gênesis 6:5). O segundo motivo era que a terra estava cheia de violência (versículo 11). Esses frutos provavam que o homem havia abandonado Deus completamente e se entregado às concupiscências da carne.

Outro motivo aparece nos primeiros versículos do capítulo: “E aconteceu que, como os homens começaram a multiplicar-se sobre a face da terra, e lhes nasceram filhas, viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram para si mulheres de todas as que escolheram” (Gênesis 6:1-2).

Duas linhagens surgiram logo após a queda no jardim. Caim, permitindo que a inveja e ódio crescessem em seu coração, matou seu irmão e aparentemente foi pai de uma família que foi identificado como “os filhos dos homens”. Seguindo o exemplo de seu pai carnal, o pecado e o mal eram abundantes entre os filhos de Caim, assim como vemos no mundo hoje. A vida sensual e violenta tornou-se normal para eles.

Após a morte do justo Abel, Adão e Eva tiveram outro filho, Sete, que tomou o lugar do seu irmão falecido. Foi na geração de Sete e seu filho, Enos, “que os homens começaram a invocar o nome do Senhor” (Gênesis 4:26). Provavelmente durante algumas gerações após Enos, havia uma separação clara entre as duas famílias; os filhos dos homens e os filhos de Deus. Qualquer separação dependeria de os descendentes de Sete se manterem separados da vida de pecado.

É provável que no começo apenas alguns foram atraídos pela beleza das mulheres de seus parentes distantes. Podemos apenas imaginar como

deteriorou a piedade que anteriormente destacava os filhos de Deus. Quanto tempo passou antes de pararem de invocar a Deus, deixarem de o adorar, e perderem o interesse em repassar a fé aos seus descendentes? Houve, sem dúvida, alguns que continuaram mantendo as aparências, com o sacrifício de cordeiros e cerimônias semelhantes durante algum tempo. Por fim, somente Noé e sua família ainda se mantinham completamente dedicados a Deus.

Há mais que podemos aprender com esta história?

Nenhum de nós concordaria em casar nosso filho com uma pessoa incrédula. Sabemos que seria uma maneira de entregá-lo ao mundo. Os ensinamentos do Novo Testamento, como “Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?” (2 Coríntios 6:14), não deixam dúvida alguma sobre isso. Pelo mesmo motivo, acreditamos que devemos evitar de nos congregar e misturar com aqueles que não compartilham a mesma fé que entendemos ter sido “uma vez dada aos santos” (leia Judas 3).

O mundo hoje tem suas “filhas formosas”. O entretenimento é uma família delas. Reconhecemos que certa medida de recreação é saudável. Muitas vezes lembramos que Jesus disse a seus discípulos, após um período cansativo de ministrar ao povo: “Vinde vós, aqui à parte, a um lugar

deserto, e repousai um pouco. Porque havia muitos que iam e vinham, e não tinham tempo para comer” (Marcos 6:31). Precisavam descansar, e Jesus os chamou à parte para isso. Um tempo longe do trabalho, apreciando a criação de Deus ou um lugar diferente da rotina diária de trabalho, é revigorante. Brincar tem grande valor para crianças e jovens, para aprenderem a desenvolver uma boa atitude ao ganhar ou perder e interagir com outros.

Mas o mundo oferece o deus de entretenimento. Esportes são uma forma de entretenimento que fascina o mundo. Caçar pode ser uma forma de recreação tranquila que nos põe em contato com a natureza e a linda criação de Deus. Mas também pode ser um deus obsessivo que custa caro. Jogar é popular hoje. Algo que começa de forma pequena com aplicativos divertidos no celular pode crescer e virar uma obsessão com jogos eletrônicos online cada vez mais envolventes. Isso pode chegar a tal ponto que os especialistas em saúde mental o reconhecem como um vício.

A música precisa ser contada entre os deuses do entretenimento. Ouvimos o som alto vindo dos carros perto de nós no semáforo. Os músicos estão entre os que mais ganham dinheiro, por causa da atração de sua arte. Quando cristãos se tornam carnavais, muitos são atraídos à vasta gama de músicas do mundo.

Cantar é um dom musical que foi ensinado no Novo Testamento e tem

sido uma bênção para o povo de Deus ao longo dos séculos. Mas quando é que cantar se torna entretenimento e, assim sendo, uma das filhas dos homens? Quando deixa de ser uma atividade saudável encorajado entre nossos jovens e começa a ser um espetáculo? Quando deixa de cumprir seu alto chamado espiritual de fazer “a palavra de Cristo [habitar] em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando ao Senhor com graça em vosso coração” (Colossenses 3:16). O perigo vem quando começa a seguir alguns dos modos orgulhosos e sensuais da música mundana. Os hinos são mais elaborados e agradáveis ao ouvido, mas têm menos profundidade e inspiração. Grupos que cantam tem a tendência de se tornarem “artistas” para colherem a adulação dos homens.

Muitos outros aspectos de entretenimento poderiam ser nomeados, e a lista continuará a evoluir.

O homem está sempre procurando meios de satisfazer o vazio que Deus pretende preencher com sua presença e bênçãos. O lado ruim do entretenimento é este: toma o lugar que Deus deveria preencher. Em vez de desejar conhecer a Deus e o amar mais, ficamos distraídos e não interessamos mais nele e seus caminhos. O entretenimento deste mundo oferece empolgação e adrenalina que passam longe das bênçãos quietas e satisfatórias que nosso Pai oferece. O entretenimento do mundo sempre

pede mais adrenalina. O que Deus oferece é quietude, contentamento e segurança, que são a essência da felicidade e paz.

Outra das filhas atraentes do mundo é a riqueza. Assim como o entretenimento, tem o seu lado legítimo. Trabalhar para ter o suficiente para viver, criar a família, e compartilhar com outros é um ensinamento das Escrituras. Ser preguiçoso e negligente não é uma virtude. Mas o apelo da riqueza com a segurança e status social é muito atraente à carne. Quando vêm oportunidades que providenciam meios suficientes, e depois o potencial de aumento, a tendência é de procurar a riqueza. A riqueza promete segurança e liberdade de fazer o que quiser. Oferece poder e reconhecimento pelos padrões do mundo. As vantagens momentâneas de liberdade, poder e honra se opõem ao ensinamento de sermos pobres neste mundo, mas ricos em fé. Não combinam com os ensinamentos fundamentais de Jesus no capítulo seis de Mateus e outras partes dos evangelhos, sobre fé e confiar que Deus suprirá nossas necessidades.

É necessário reconhecer que a sorte confere riqueza a alguns. Reconhecendo isso, Paulo escreveu a Timóteo: “Manda aos ricos deste mundo que não sejam altivos, nem ponham a esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos” (1 Timóteo 6:17). Quem estiver nessa situação precisa tomar muito cuidado

para que não se encontre abraçando uma das filhas dos homens.

Nossa época de abundância trouxe muitas das “filhas dos homens” ao nosso alcance. Somente pelo temor de Deus e estarmos focados no alvo celeste poderemos nos manter imaculados do mundo. Olhar com admiração para aquelas filhas formosas só pode levar à decadência e destruição. ▲

Os pastores escrevem

O MOVIMENTO DO PÊNDULO

Pastor Gladwin Koehn

Brooksville – Mississippi – EUA

Mesmo que relógios de pêndulo são de uma era passada, as gerações mais velhas não se esqueceram do tique-taque que acompanha o balançar do pêndulo. Alguns diziam que falava com eles. Além desse sentimentalismo, os velhos relógios provocaram dizeres que usamos até hoje. Há um dizer em inglês: “o pêndulo vai e vem”, que significa que muitas opiniões fortes não duram muito. Quando o pêndulo passa do centro, vai até onde alcança e depois volta.

O humor e mentalidade de uma nação muitas vezes são influenciados e inspirados por indivíduos e filosofias dinâmicas. Nota-se que, com o tempo, a política de uma nação pode ir de conservador a liberal, cada um promovido com bastante barulho. Não é incomum que um movimento que está além do moderado e

equilibrado chega ao ponto de não ser mais sustentável na opinião pública. Por fim começa um ajuste, resultando num retorno a normas mais aceitáveis. “O pêndulo vai e vem”.

A inquietação atual nos Estados Unidos indica que, dependendo de qual lado a pessoa se encontra, é necessário reafirmar valores convencionais ou redefinir costumes. E como tem sido observado muitas vezes, os espíritos do mundo querem se manifestar na igreja. Não podemos negar que a fé está sendo desafiada e provada hoje, e isso requer que os irmãos examinem sua firmeza na Verdade de Deus. “Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição” (2 Pedro 1:10). As Escrituras falam da fé que “uma vez foi dada aos santos” (Judas 1:3). O que precisamos é afirmar e aplicar essa fé, e não redefinir ou deixar de lado. “Portanto, convém-nos atentar com mais diligência para as coisas que já temos ouvido, para que em tempo algum nos desviemos delas” (Hebreus 2:1).

O povo de Deus em todas as épocas experimentou o aumento e diminuição do fervor espiritual. Nota-se que no tempo dos filhos de Jacó períodos de justiça e glória, seguidos do declínio. As dez tribos de Israel por fim se “perderam” completamente por causa da idolatria, enquanto Judá se “curou” da idolatria no cativeiro na Babilônia. Nos dias de Jesus, a opressão legalista dos escribas, fariseus e saduceus dominava a

sociedade, e pelo outro lado, os “publicanos e pecadores” viviam disolutamente. Os dois grupos eram totalmente separados, como se fossem os dois pontos mais distantes que o pêndulo alcança. Mas Jesus disse que ele é a Verdade, que ambos os grupos tanto precisavam (leia João 14:6), e ainda “é o mesmo, ontem, e hoje, e eternamente” (Hebreus 13:8).

Os membros do corpo de Cristo, cuja cidadania é celestial (leia Filipenses 3:20), conhecem o “movimento do pêndulo” dentro da irmandade. Costumes e modos variam de uma congregação para outra e entre países. Às vezes sentimentos nacionalistas podem entrar. No entanto, o amor providencia certa flexibilidade com confiança e boa vontade que cabem nas dimensões do evangelho de ser “um o coração e a alma” (Atos 4:32).

Se o ponto central onde se fixa o pêndulo for a Verdade, que é imutável e eterno, podemos então descansar na certeza de que a fé e sua prática prevalecerão dentro dos parâmetros de procurar “guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz” (Efésios 4:3). Há conforto e estabilidade em saber que o vai e vem de tendências e ideias não apaga o ponto central de firmeza e união de prática. Jesus prometeu que o conhecimento e guardar a verdadeira doutrina continuariam até o fim.

A Verdade pode ser “derrubada até o chão” por um tempo, mas não pode ser exterminada nem completamente

ignorada. Ela se levantará novamente. Enquanto a esfera na extremidade do pêndulo (como sendo a reação ao conhecimento inato de Deus e a eternidade) balança de um lado para o outro, o ponto central no alto do pêndulo é fixo. Em geral, as opiniões da sociedade sobre Deus e a justiça podem ir de “Deus está morto” ao falso cristianismo. Mas nada tirará a Verdade do lugar. Muitos indivíduos, sejam membros de igreja ou não, apesar de influenciados pela persuasão de homens e movimentos, não conseguem escapar daquele clamor interno do desejo de conhecer a verdade.

Para um povo que abraça a doutrina de não-conformidade com o mundo (leia Romanos 12:2; 1 João 2:15), podem existir dúvidas sobre como esse ensinamento se aplica hoje em dia. A questão foi bem explicada por Reuben Koehn (1907-1995) em seu livro *Sixty-Five Years a Holdeman*, publicado em 1993:

“Há 60 anos ou mais, havia mais cuidado e atenção para com as “coisas” dentro da igreja. Alguns davam tanta ênfase a questões de segunda importância que acabou sendo coisa de estar salvo ou perdido. Enquanto o pêndulo começou a voltar para o outro lado nos anos seguintes, é claro que houve um curto período de tempo em que em todas as coisas estava bem equilibrado. Mas tem passado para o outro lado, onde algumas das prioridades de anos anteriores são praticamente inexistentes hoje.

Tanto uma quanto outra coisa não fazem bem ao cristianismo.

“A questão de acreditar que as coisas exteriores não são essenciais ao cristianismo do coração tem causado preocupação na igreja. No entanto, apreciamos o fato que muitos reconhecem o valor e bênçãos que há na simplicidade, abnegação e ausência de características carnis. O Senhor também abençoará os que de coração fiel são submissos e leais ao modo de vida ensinado nas Escrituras e interpretado pela igreja” (página 21).

Dentro da conferência, ouve-se o murmurar de vozes, alguns dizem que está na hora de haver um ajuste muito necessário na ênfase da pregação e administração. Sentem que os marcos da igreja não estão no devido lugar quando se fala de graça. Tais sentimentos, em conjunto com a tendência de querer acomodar o mundo, tendem a criar tensão na irmandade e estão causando certa ansiedade entre os mais “antigos”. A preocupação é boa e válida e precisa ser levada por um coração santificado, mas o “fardo pesado demais para levar” pode ser desanimador.

Podemos encontrar alívio na confiança de que Jesus é a Verdade, e a Verdade vencerá. No tempo de Deus e pelos seus meios, o pêndulo voltará, se não neste mundo, então quando o Senhor voltar para julgar o mundo. Enquanto isso, lembre-se que a batalha é do Senhor. Como alguém já disse: “Esta fé alcançará o porto celestial”. ▲

Bons despenseiros

PADRÕES E COMPARAÇÕES

Diácono Larry Unruh

Homeworth – Ohio – EUA

Desde pouco tempo após a queda do homem no jardim, a humanidade vem se comparando mutuamente. Foi parte dessa comparação que fez Caim matar a Abel. Enquanto não ouvimos falar de tais resultados da comparação em nossa igreja, não significa que estamos imunes da influência de pensamentos invejosos.

Quando olhamos para os outros e comparamos a nossa situação com o que achamos ser a situação dos outros, preparamos um campo fértil para Satanás. Somos parecidos com Samuel quando foi jantar com Jessé e seus filhos. Olhamos para as aparências. Muitas vezes as coisas não são como parecem ser. Satanás pode entrar em nossos pensamentos e começamos a imaginar coisas. Muitas vezes essas coisas que pensamos não fazem sentido.

Como exemplo, se não estou contente com a minha situação na vida e acho que é por causa do lugar onde moro, posso achar que se mudar para outro lugar, tudo iria bem para mim. Posso ver como os outros prosperam naquele lugar, e penso que seria assim para mim se morasse ali. É interessante notar que quando me comparo, geralmente não penso que o irmão que está em dificuldades financeiras seria exemplo da minha situação se mudasse para lá. Em vez disso, a natureza

humana é de pensar que seria igual ao mais bem-sucedido dos irmãos.

Em 2 Coríntios 10:12, o apóstolo Paulo fala da tolice de nos comparar uns com os outros: “Porque não ousamos classificar-nos, ou comparar-nos com alguns, que se louvam a si mesmos; mas estes que se medem a si mesmos, e se comparam consigo mesmos, estão sem entendimento”. Paulo estava falando no contexto de coisas espirituais, mas se aplica muito bem às coisas materiais. Pedro perguntou a Jesus o que João enfrentaria no futuro. Jesus lhe disse que não deveria se preocupar com o futuro de João, mas garantir o dele. Pedro devia manter o foco em seguir a Jesus e não na vida dos outros.

É um bom conselho para nós hoje. Vivemos numa comunidade muito unida, e nossos afazeres não podem ser escondidos uns dos outros. Vemos como o outro vive. Vemos as compras, e estilo de vida, e chegamos a conclusões ou comparações. É isso que Deus quer para nós? Certamente ele tem um caminho melhor.

Deus deu a cada um de nós habilidades e talentos diferentes. Quer que os usemos para sua honra e glória e não para a nossa. Vivemos numa sociedade materialista que promove o sucesso financeiro e segurança. Isso nos afeta e influencia, por mais que achamos que vivemos livres disso.

Deus tem um plano para o seu povo. Ele quer que sejamos um povo peculiar, separado, que se interessa primeiramente em ser salvo de seus pecados e viver livre deles. As Escrituras nos

ensinam que devemos ter a aprovação de Deus e das pessoas em nosso redor. Falam também da grande possibilidade de nos desviarmos quando desejamos riqueza e facilidades terrenas.

Temos permitido que as comparações nos desviassem dos padrões Bíblicos? Quando é necessário medir algo, há um padrão a ser usado. Seria um caos total se os padrões fossem variáveis de acordo com a preferência do indivíduo. Padrões promovem união e segurança. Mas são automaticamente restritivos até certo ponto. Restrições para segurança física geralmente são instituídas por causa de situações, estruturas ou circunstâncias que falharam no passado. Tais situações às vezes causaram perda da vida natural. Não dar atenção aos padrões espirituais trará magreza e, por fim, a morte espiritual da nossa alma.

A Palavra de Deus é o padrão para nossa vida. Se não a usarmos, a vida se torna caótica, estressante e semelhante a um motor desgovernado. A vida de uma pessoa que não se governa pelas Escrituras logo fica sem força ou continua sem parar na direção que escolher. Se não houver direção, um motor funcionará até acabar o combustível, ou se destruir.

No passado, houve algumas mudanças no que consideramos o padrão. Precisamos escutar o Espírito Santo para receber direção para nossa vida pessoal. Precisamos comparar essa direção com a Palavra de Deus. Nossos irmãos na igreja têm direção para nós. Essas três coisas são de confiança quando não há resposta clara para as

circunstâncias hoje em dia. A mudança que vemos em estilos de vida, bens, meios de ganhar dinheiro e gastos está cuidadosamente alinhada com os ensinamentos das Escrituras?

Que nós como pais saibamos que outros estão observando tudo que nos permitimos e como levamos a nossa vida. Não vamos só acreditar que os que nos seguem aprenderão pelo exemplo, mas estejamos dispostos a falar da nossa convicção. Devemos ensinar por que acreditamos que nossas ações físicas e materiais e bens fazem parte inseparável do nosso testemunho cristão.

Se permitirmos que a disponibilidade de dinheiro ou crédito seja nosso guia, logo nos veremos numa situação espiritual e financeira complicada. Se seguirmos o caminho Bíblico, haverá em nós e em nossa vida uma humildade que não traz afronta ao evangelho. Será uma luz brilhante que iluminará o nosso caminho e ajudará aos outros. Vamos estar dispostos a verificar a nossa vida com o padrão da Palavra de Deus. Será o padrão usado no dia do juízo. É um padrão seguro para nós hoje. Se nos compararmos, vamos ter o cuidado de comparar com o padrão Bíblico. ▲

“O povo cristão aceitou a tarefa dada pelo nosso Senhor de ir por todo o mundo pregando o evangelho, ensinando as doutrinas da Bíblia, batizando quem crê, e trazendo o desgarrado ao aprisco.”

— *Editoriais Antigos*

A irmandade escreve

ENDIVIDADO

Ryan Nightingale

Galva – Kansas – EUA

Este artigo foi inspirado por uma carta escrita pelas comissões da missão relatando a necessidade de trabalhadores nas diversas atividades da igreja. Essa necessidade não é novidade. Tem estado em foco muitas vezes nos últimos 10 anos. Essa necessidade contínua pode nos levar a perguntar se estamos tentando fazer mais do que somos capazes de manter. Levando em conta quem é o Rei a quem servimos, o fato que mandou espalhar o evangelho e suas promessas de suprir as nossas necessidades, tais ideias devem ser consideradas erradas. Vale notar que, enquanto houve momentos de falta de dinheiro na obra da missão, foram poucos em comparação com a falta de obreiros. Que este artigo toque os nossos corações enquanto buscamos examinar o nosso endividamento.

Nosso Senhor muitas vezes chama os casais mais novos para servir. Há diversos motivos para isso. Muitas vezes têm boa saúde, seus filhos são novos e ainda estão em casa e têm menos laços que os prendem à congregação. Mas ao mesmo tempo, estão na idade de iniciar um empreendimento, construir uma casa, mudar-se para uma congregação nova, e outras coisas semelhantes que exigem endividamento. É provável que

boa parte desse grupo já tem algum tipo de dívida.

Na sociedade moderna o endividamento é vista como sendo uma coisa boa. Temos taxas de juros baixas, crédito ótimo, banqueiros amigáveis e herdamos uma boa ética de trabalho. Combinar tais ingredientes é uma boa receita para o sucesso financeiro. No entanto, a dívida é um lobo faminto sempre nos impulsionando a prosseguir, e temos a certeza de que, se fossemos sair por muito tempo, ele estaria ali na porta de casa esperando a nossa volta. Talvez esqueçamos que ele está ali porque o convidamos. Uma dívida vem seguida de outra até que o tempo conveniente de servir já passou. Ao fazermos compromissos financeiros repetidas vezes, perdemos a janela de oportunidade de colher espiritualmente. Se formos honestos, todos teríamos que reconhecer que temos dinheiro o suficiente. É o “tempo” que nos falta.

Na nossa pressa de cuidar das nossas dívidas terrenas, temos esquecido de nossas dívidas espirituais? Cristo morreu por toda a humanidade, e somos todos devedores. Não aceitar a dádiva de salvação não nos liberta dessa obrigação. A própria vida é um presente imerecido que o Criador nos deu e que não podemos comprar. Nós, como cristãos nascidos de novo, recebemos o dom da vida eterna. É um dom de valor realmente incalculável. Em 1 Coríntios 6:20 diz que fomos comprados por um bom preço e que, portanto, devemos

glorificar a Deus. Sabemos que não há como comprar a salvação da nossa alma, mas isso não faz com que sejamos menos devedores. Uma vida de serviço a Deus não é um meio de pagar pela salvação da nossa alma. Uma vida de serviço pode ser descrita como uma vida de gratidão, por causa da dívida perdoada que nunca teríamos condições de pagar. Por causa da gratidão, nos voluntariamos.

Este artigo não pretende enaltecer os missionários ou dizer que ser missionário é a única vida de serviço. Os programas da missão certamente não funcionariam sem os muitos membros trabalhando incansavelmente e contribuindo com generosidade nas ofertas. Também não tem a intenção de julgar o endividamento. Deve ser entendido como um encorajamento àquelas pessoas que gostariam de contribuir com seu tempo, mas temem os revezes financeiros. Deus lhes abençoará ricamente de maneiras que você nem imaginou ainda. ▲

FÉ E A IGREJA DE DEUS

Earl Beachy

Arthur – Illinois – EUA

Quando pensamos em fé, geralmente pensamos em confiar em Deus pelo seu cuidado ou livramento de diversas situações. Fomos ensinados a ter fé desde os braços de nossa mãe – confiar em Deus durante uma tempestade, orar e confiar para encontrar coisas perdidas e orar por

alívio da dor ou medo. Ao ficarmos mais maduros, chegamos ao momento em que Deus nos chamou. A convicção do pecado não requeria fé — pesou sobre nós. Mas nos abnegar daquilo que parecia dar certo antes e confiar que Deus simplesmente perdoaria nossos erros talvez exigiu mais ponderação. Pela graça de Deus, pudemos entregar tudo, aceitar a dívida da redenção e perdão pela fé, e permitir que sua paz enchesse nosso coração e alma.

O desejo de ser batizado veio logo em seguida para a maioria de nós, e a escolha óbvia era de nos juntar à igreja dos nossos pais. É provável que não tínhamos dúvidas sobre a igreja, suas doutrinas ou se era válida. Confiávamos que era uma decisão boa e, na realidade, nem pensamos em outra coisa.

Não há ninguém entre nós que não questionou, em algum momento, uma decisão tomada pela igreja. Em nossa perturbação, é fácil ver o templo cheio de irmãos como sendo um grupo de pessoas que não estão entendendo bem a situação. Na realidade, esse grupo de pessoas é um braço da igreja de Deus, às mãos de quem ele confiou as chaves do reino. É uma oportunidade de exercer a nossa fé. O mundo e a nossa carne com seu intelecto, clamam contra a suposta injustiça. Com um pouco de estudo, podemos facilmente achar em nossa carne justificação para ficar magoado ou ofendido se as decisões forem tomadas ou direção dada que

é contrária àquilo que desejamos. No entanto, é pela fé e não por vista que podemos achar descanso e paz na decisão tomada pela igreja.

De igual modo, podemos observar nossos colegas jovens ou seus pais, ou os pastores agindo de um modo que nos faz questionar o que será o futuro da igreja. Um espírito de autojustiça pode facilmente entrar, dizendo que nós temos visão e direção melhores. Novamente, é pela fé e não por vista que podemos confiar a segurança da igreja às mãos do Deus Onipotente que prometeu que as portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Os exemplos acima têm sido a causa de famílias saírem da igreja ou grupos inteiros partirem do corpo. A igreja de Deus tem o poder único de reconhecer esses espíritos, e não podem permanecer dentro dela enquanto nutrem ofensas. A segurança não está em mais evidências de erro, não na evidência de quem estava mais errado, nem mesmo em encontrar mais Escrituras para apoiar o nosso pensamento, mas em simplesmente voltar para onde começamos — pela fé.

Precisamos aceitar pela fé que Deus tem uma igreja — uma só, unida e não dividida. A igreja não é composta por algum povo específico. Foi projetada por Deus para guardar em segurança os seus, e todo mundo pode se tornar um filho seu. Pode ser uma verdade difícil de aceitar, especialmente para quem não cresceu aqui e experimentou a separação de

entes amados para receber a verdade. Mas do mesmo modo que alcançamos a paz na conversão através da fé no Redentor, assim alcançamos esse porto seguro pela fé. A salvação é uma dádiva que deve ser recebida pela fé. De igual modo, a igreja, com toda a sua beleza, é uma dádiva que somente Deus pode dar, e é recebida pela fé. Nossa fé não está no nosso templo, não em qual é a nossa congregação, não na liderança, mas em simplesmente acreditar que Deus estabeleceu uma igreja viva e que as portas do inferno, ou o mal em nosso redor ou em nosso meio, não prevalecerá.

Essa fé estará presente nos exemplos do início deste artigo. É pela fé que aceitamos a direção da irmandade. A direção dada não é pelo intelecto, nem por comparar umas circunstâncias contra outras, mas pela oração e busca sincera pela direção. Deus tem um interesse especial na direção de sua igreja, e se certificará de que no momento certo e aos indivíduos certos, a direção virá. Mesmo em situações que podem parecer obviamente erradas, podemos descansar ao confiar tudo a Deus. Nosso intelecto pode tão facilmente julgar de forma errada, agindo com muito rigor ou antecipadamente, para “salvar” a situação.

Alguns anos atrás, minha esposa e eu fomos a um casamento numa congregação distante. Sentados à mesa de jantar na noite antes do casamento, observamos com desgosto a conduta

e vestuário de alguns dos jovens que estavam ali. Os pensamentos negativos rapidamente se acumularam em minha mente, questionando o motivo desses jovens ainda serem membros. Deus falou claramente comigo naquela noite, me lembrando que ele havia sido muito paciente e longânime comigo, e que seria assim com outros também. Esta amada igreja reflete a paciência e longanimidade e está disposta a suportar a eles, a nós e a mim.

Que possamos ter ânimo, com fé em nosso Senhor Jesus Cristo, em sua direção e convicção e não na sabedoria deste mundo ou o nosso próprio entendimento. “Esforça-te, e tem bom ânimo; não temas, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares” (Josué 1:9). ▲

EMBAIXADORES PARA CRISTO

Mary Friesen

Muleshoe – Texas – EUA

“De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos, pois, da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus. Àquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus” (2 Coríntios 5:20-21). Um embaixador é um representante e mensageiro de seu país para outro em que reside.

Nós, como cidadãos do reino de Deus, devemos representar nosso

Príncipe, Jesus Cristo, e levar a sua mensagem àqueles ao nosso redor que são cidadãos do reino deste mundo. Éramos cidadãos daquele reino antes de crer em Jesus, encontrar a salvação e nos reconciliar com Deus, nosso Criador.

Como nos reconciliamos, e por que foi necessário? Nossa natureza que herdamos era terrena. Deus é espiritual e santo e em nada é terreno. Como poderíamos nos unir? Ele estava nos chamando para aproximar. Seus embaixadores estavam nos chamando através de pregar, cantar, ensinar e pelo exemplo. À medida que olhamos para o caminho dele e cremos, ficamos entristecidos por sermos pecadores e desejamos chegar a ele. Clamamos a ele e ouviu o nosso clamor. Jesus disse: “Pai, perdoado, morri por ele”. Quando Deus nos perdoou, deu-nos uma nova natureza, parte da sua divindade, e fomos reconciliados. Nossa nova natureza e a natureza de Deus se uniram em harmonia. Fomos aceitos em seu reino. Ele nos deu uma visão e ficamos muito felizes de conhecer o mistério do evangelho.

Esta é a mensagem de reconciliação que trazemos ao mundo. Somos chamados para sermos embaixadores. De alguma forma nossa vida deve mostrar que os dois reinos são bem diferentes um do outro. Os dois reinos nunca se unirão.

Como residente deste país estrangeiro, Deus providencia tudo para nós. Ele nos deu a igreja para nos

guiar em nossas tarefas como embaixadores. Um embaixador deve apoiar e promover os interesses do seu país de origem. Esses interesses, que chamaremos de doutrinas no reino espiritual, devem ser bem representadas e guardadas. Um embaixador deve ser diligente e instruído. Precisa estar ciente de situações em desenvolvimento que poderiam diminuir a paz e harmonia entre os membros do reino, assim pondo em perigo a mensagem apresentada ao mundo. Precisa entender muito bem as diferenças entre os dois reinos. Ele precisa acreditar e apoiar os interesses e doutrinas do reino pacífico de Deus, nunca comprometendo-o e clamando por paz e reconciliação com Deus.

Algumas das doutrinas de Deus são não-resistência e não-conformidade. “Eu, porém, vos digo que não resistais ao mau; mas, se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra” (Mateus 5:39). “E não sede conformados com este mundo” (Romanos 12:2). Embaixadores terão a certeza de entender o que isso significa. Estamos nos acostumando demais com este país estrangeiro e perdendo conhecimento e fervor?

O reino de paz de Deus é lindo e atraente. O reino de Satanás é barulhento, contencioso, cheio de medo e trevas. Que possamos orar como Paulo: “E por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra com confiança, para fazer notório o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias; para que

possa falar dele livremente, como me convém falar” (Efésios 6:19-20).

“E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida” (Apocalipse 22:17). ▲

ESTÁ LUTANDO COM ALGO?

Jerry Mininger

Middleton – Michigan – EUA

Este pensamento me veio há pouco tempo e venho meditando sobre isso. Não tem problema uma luta entre rapazes de vez em quando, se não houver raiva e nem um espírito de vingança. É assim no sentido espiritual também; teremos aqueles momentos na vida quando surge alguma situação, seja tentações ou dificuldades com nosso próximo. É fácil lutar com aquelas pequenas tentações e desejos carnis, pensamentos maus, palavras, etc. Se já nascemos de novo, sabemos por experiência própria que a submissão a Deus é melhor e traz paz, mas devido à nossa humanidade, às vezes lutamos com o plano de Deus por mais tempo do que deveríamos antes de nos submeter. “Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau

e, havendo feito tudo, ficar firmes” (Efésios 6:12-13).

Nosso Salvador, Jesus Cristo, foi um exemplo excelente. Durante a vida inteira, supriu as necessidades da humanidade, sem pensar muito em seus próprios sentimentos ou agenda. Às vezes lutamos com o orgulho que nos atrapalha, como achar difícil admitir que erramos ou que o jeito de outro pode ser melhor.

Outro aspecto do orgulho que tenho enfrentado, e acho que é comum para todos, é permitir alguma coisa um pouco duvidosa ou até carnal ou mundana, porque gosto de como me exalta. Ah, se pudéssemos parar de raciocinar com a carne e submeter à voz do Espírito Santo quando vem aquela direção calma, seríamos muito mais felizes! Vezes demais, lutei com a tentação, até durante anos, tentando me convencer que era uma coisinha de nada. Acho que posso permitir esse pequeno desejo carnal quando na realidade, o simples fato que sempre tive uma noçãozinha que não deveria fazer isso era Deus tentando me pôr num caminho melhor, mais seguro. Jesus diz em Mateus 16:24-26: “Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz, e siga-me; porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á. Pois que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua alma? Ou que dará o homem em recompensa da sua alma?”

Algumas experiências me vieram à mente. Durante a maior parte do meu tempo no grupo de jovens, não queria usar um cinto de segurança. Uma vez enquanto passeava com amigos, um policial nos parou. Rapidamente coloquei o cinto enquanto o carro parava. O policial nos deu um aviso e disse que deveríamos usar cinto de segurança sempre e não só quando um policial nos parar. Infelizmente não aprendi a lição e alguns anos mais tarde um policial federal me parou por não estar usando o cinto. Foi muito bondoso e me avisou que deveria usar o cinto. Minha atitude era tão casual e resistente que nem isso me ensinou a lição. Mais ou menos uma semana depois, o mesmo policial me viu dirigindo sem o cinto. Desta vez, me multou sem hesitar. Contou que havia poucos dias estivera na cena de um acidente em que houve uma fatalidade. A vítima não estava usando o cinto. Foi gentil, mas me fez entender. Daquele dia em diante sempre uso o cinto de segurança. Naquela situação, lutar com a lei e dizer que deveria ser escolha individual poderia facilmente ter me custado a vida.

Outro pequeno exemplo da minha vida: Minha consciência foi formada de modo positivo na minha infância; sábado à noite era hora de ficar quieto e se preparar para o domingo. Hoje estou grato por aquele ensinamento. Há pouco tempo num sábado à noite, pus meus filhos para dormir um pouco mais cedo, e depois sentei-me

na espreguiçadeira e estendi a mão para pegar umas revistas novas que haviam chegado e que ainda não tivera tempo de olhar. Imediatamente ouvi a voz mansa e suave dizer: “Você não terminou de estudar a lição da escola dominical ainda, e amanhã você é o responsável para dar aula para os intermediários.” Imediatamente a luta começou. Fico feliz em dizer que desta vez fui obediente e alguns minutos mais tarde estava apreciando a lição e gostando de ler sobre coisas que têm valor eterno.

A história de Naamá no Antigo Testamento é um bom exemplo de um homem orgulhoso que após endurecer o coração contra as instruções de Deus para a cura da lepra, submeteu-se, amoleceu seu coração, e foi limpo.

Às vezes somos tentados a resistir às instruções da igreja. Jesus ensina sobre sua igreja e a segurança do aprisco. Parece que quanto mais tempo passa, e quanto mais leio as escritas dos nossos antepassados, mais percebo como as doutrinas da igreja foram fundamentadas nas muitas escrituras que explicam o plano de Deus para o homem. Não são apenas ideias do homem.

Que achemos graça em nossa vida para submeter-nos a Deus, e que quando começamos a lutar, possamos ficar calmos e ouvir a voz à qual Isaías refere em Isaías 30:21: “E os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda.”

Que nunca arrisquemos perder o céu porque estamos lutando com o caminho estreito que leva para o lar. ▲

Mashala Koehn

McIntire – Iowa – EUA

Prezados leitores,

Tive uma resposta à oração algum tempo atrás que senti em compartilhar aqui.

Um dia enquanto moía grãos, o moinho emperrou. Desmontei e pedi que meu marido levasse uma das mós e limpasse com o compressor de ar e ele o fez de boa vontade. Mas depois dele sair pela porta percebi que havia me esquecido de retirar duas pequenas molas que ficam entre as mós. Pensei que daria uma olhada para ver se haviam caído. De fato, encontrei uma na bancada, mas tinha certeza que se a outra caiu fora de casa estaria perdida no cascalho da entrada ou lançada sabe-se lá aonde pelo compressor de ar.

Naquele momento tive o pensamento que deveria orar e pedir que encontrássemos a mola. Orei. Quando meu marido voltou, contei sobre as molas e ele disse que procuraria a outra na oficina. Quando voltou, trazia na mão a mola que é pouco maior do que o grafite de um lápis e com um centímetro e meio de comprimento. Disse que estava caído no chão ao lado do compressor. Pensei: Uau, que grande Deus servimos!

Meu desejo é de ser fiel nas coisas pequenas assim como as grandes e que Deus seja glorificado. ▲



Kalli Unruh

Ulysses – Kansas – EUA

(servindo em Khulna – Bangladesh)

Prezados jovens,

Recentemente fiquei impressionada com o quanto somos privilegiados de poder servir a Deus. Eu, como a maioria de vocês, nasci numa família menonita. Para nós, parece que o caminho já foi preparado. Espera-se que vamos nos unir à igreja, casar e criar filhos. O ciclo continua. Para nós, é uma vida normal. Quantas vezes paramos para pensar sobre o quanto somos abençoados em ter acesso tão fácil à verdade?

Na América do Norte, parece que muitas pessoas estão tentando levar uma vida cristã. A maioria, se não todas as pessoas com quem já conversei diriam que são cristãs. Sua vida é alguma versão de cristianismo, apesar de modificado para acomodar suas preferências pessoais. Sim, nós como povo somos separados do mundo, mas ainda estamos rodeados de gente que crê no Bebê na manjedoura.

Minha percepção mudou quando vim para Bangladesh, onde menos de 1% das pessoas se dizem cristãs. Às vezes parece que é só nós. Meus olhos se abriram enquanto aqui. Fico entristecida ao pensar em milhões de pessoas no mundo que nunca conhecerão a verdade. Pode ser que nunca saibam o que estão perdendo.

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pedro 2:9).

Fomos chamados “das trevas”. A maioria de nós foi criada com conhecimento precoce de Cristo. Não tivemos que ir tropeçando pelas ruelas escuras da vida, tateando à procura da verdade. No entanto, não significa que devemos ser menos gratos por Jesus do que o homem que procurou durante anos e finalmente o encontrou. Acho que as “trevas” podem ser a vida de pecado da qual fomos salvos quando entregamos o coração a Deus. Quantas vezes pensamos sobre onde estaríamos sem ele?

Nossa salvação é uma dádiva. “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus” (Efésios 2:8). O que você faria com um presente de valor incalculável que recebeu de seu melhor amigo? Sem dúvida iria valorizar muito e cuidar muito bem dele todos os dias para não enferrujar ou empoeirar. Não seria certo aceitar o presente, colocá-lo de volta na

prateleira, e olhar novamente somente quando nos interessa. A salvação e oportunidade de conhecer a Deus são presentes de valor incalculável, e devemos valorizá-los diariamente. ▲

TENHO UM LAR NA GLÓRIA

LaRae Toews

Almena – Wisconsin – EUA

Tenho um grupo de amigas com quem saio frequentemente e às vezes começamos a rabiscar e inventar palavras. As minhas sempre começam com “lar”. Quando chego em casa, me pergunto: por que tudo sempre tem a ver com meu lar?

É porque estou sonhando com os olhos abertos? É porque Deus está planejando a minha chegada? Não sou feliz aqui? É porque tenho anjos da guarda que salvaram a minha vida? Só sei que estou vigiando e esperando a volta do meu Pai Celeste! ▲

NINGUÉM TEM MAIOR AMOR DO QUE ESTE

Bentley Nikkel

Mountain Grove – Missouri – EUA

Mundanismo é egoísmo. Como podemos manter uma atitude firme, mas ensinável? O maior mandamento em Mateus 22:37 diz que devemos amar ao Senhor com todo o nosso coração, e alma e mente. O segundo mandamento é “semelhante”, de amar a nosso próximo como a nós

mesmos. Apesar de aparentemente simples, é impossível obedecer completamente a estes versículos se não tivermos Deus no centro da nossa vida.

Em 1 Coríntios 13, diz que muitas coisas boas falharão – seja pelo tempo, negligência ou oposição – mas não o verdadeiro amor. Que tipo de amor é esse? Jesus disse em João 15:13: “Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos”. O verdadeiro amor por alguém trará uma atitude de “eles antes de mim” em tudo que afeta a pessoa amada. Automaticamente esquece de si mesmo.

Jesus deu a sua vida pelo bem e redenção dos homens. O terceiro versículo do capítulo do amor diz que podemos dar o nosso corpo para ser queimado, mas se não for feito por amor, o resultado não tem valor algum. O sacrifício não é o verdadeiro amor; antes, o amor sempre produzirá um sacrifício completo. Se nosso amor for verdadeiro, estaremos mais que dispostos de entregar o que for necessário. Nossas ideias, paixões e opiniões se alinharão. Uma humildade que não pode ser reproduzida será evidente.

Em João 13:34, foi dado um mandamento “novo” aos seguidores de Cristo que é paralelo ao segundo mandamento – de amar uns aos outros como Jesus os amou. Somos os seguidores de Cristo. Por que é tão difícil nos submeter à direção dos nossos irmãos? Se estamos lutando, nosso amor está no devido lugar?

Quando uma pessoa entrega sua vida a Deus, torna-se parte do reino de Cristo, um reino em que todas as almas

são unidas em um só corpo, espírito e esperança (leia Efésios 4:4). Quando meu ponto de vista difere dos outros e começa a haver desunião, o problema não é falta de amor? Devemos amar a nossos irmãos como a nós mesmos, e fazer isso significa amar a eles e aquilo que eles apoiam, como sendo num nível igual ao nosso. Vamos lembrar que não podemos retirar o nosso amor mesmo quando não é recíproco, porque Cristo nos amou antes de amarmos a ele. “Nisto está o amor, não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou a nós, e enviou seu Filho para propiciação pelos nossos pecados” (1 João 4:10).

“O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece. Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal” (1 Coríntios 13:4-5). Estes versículos não deixam espaço para amar a si mesmo. Apesar de “não busca os seus interesses” não significar que sempre estamos errados, significa que abandonemos nosso ego.

Quando devo ficar firme por aquilo que acredito ser correto? “Nem participe dos pecados alheios; conserva-te a ti mesmo puro” (1 Timóteo 5:22). Tem que ser algo de acordo com a doutrina, que pode precisar da direção dos nossos irmãos. Se vemos um irmão andando em pecado, temos o mandamento de repreender seu pecado. “Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta, notai o tal, e não vos mistureis com ele, para que se envergonhe.

Todavia não o tenhais como inimigo, mas admoestai-o como irmão” (2 Tesalonicenses 3:14-15). Precisa ser feito em amor, com o cuidado de não buscar os nossos interesses.

Jesus é o cabeça da igreja. Quando me enalteço acima de outra pessoa, não estou me colocando como cabeça? Não somos membros do corpo? “Porque assim como em um corpo temos muitos membros, e nem todos os membros têm a mesma operação, assim nós, que somos muitos, somos um só corpo em Cristo, mas individualmente somos membros uns dos outros” (Romanos 12:4-5). “Sujeitando-vos uns aos outros no temor de Deus. Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos” (Efésios 5:21-24). Se a esposa é apenas um símbolo de submissão a seu cabeça, quanto mais precisamos estar submissos a Cristo e sua igreja!

Apesar de isso parecer um padrão difícil, vamos prosseguir “para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus” (Filipenses 3:14), porque não há espaço para o amor próprio no reino de Cristo. “E não sede conformados com este mundo, mas sede transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12:20). Escrito para mim mesmo. ▲



COMO JOÃOZINHO PAGOU O MÉDICO

Dona Mariana ficou sabendo de uma reunião para crianças e disse ao seu filho de oito anos:

—Joãozinho, hoje à noite um missionário virá à igreja falar com as crianças. Creio que você achará a reunião muito interessante. Gostaria que você fosse.

Ele respondeu alegremente:

— Tudo bem, Mamãe, irei. Vou levar Totó comigo. Eu sei que ele vai ser bonzinho.

Sua mãe riu e o pequeno cachorro, ouvindo seu nome, veio ficar perto do seu querido dono. Estava disposto a ir onde quer que seu dono o levasse.

Naquela noite, Joãozinho e diversas outras crianças foram para a reunião. Todos estavam muito interessados no que o missionário dizia. Joãozinho estava intrigado com um monte de livretos em cima de uma pequena mesa. Gostava muito de ler. Ao terminar a reunião, o missionário disse:

— Se quiserem, podem levar um destes livrinhos. São Evangelhos. Quero que os levem e leiam com

carinho. Quando eu voltar no ano que vem, quero que me contem como estes Evangelhos ajudaram vocês ou qualquer outra pessoa.

Joãozinho escolheu o evangelho de São João por causa de seu próprio nome.

Algumas semanas mais tarde, Joãozinho estava andando por uma rua muito movimentada com Totó, seu cachorrinho que estava preso a uma coleira. Ao passar na frente de uma escola, uns meninos maus começaram a gritar:

— Cachorro bobo que anda preso numa coleira!

Por azar havia um monte de pedras ali perto e os meninos começaram a atirá-las em Totó. Uma pedra o atingiu na perna e outra no ombro, deixando-o ferido.

Apavorado, Joãozinho pegou seu cachorrinho nos braços.

Do outro lado da rua tinha um hospital e a porta estava aberta. Joãozinho entrou com Totó. Disse à enfermeira:

— Uns meninos de rua apedrejaram meu cachorrinho. Peça ao médico que lhe aplique uma injeção para não sofrer mais.

A enfermeira gostava de animais e prometeu falar com o médico. Vendo o tanto que Joãozinho estava triste, disse-lhe:

— Pode deixá-lo comigo, que vou pedir ao médico que aplique uma injeção para não sofrer mais.

Joãozinho estava tendo que segurar as lágrimas. Saiu correndo para casa para a enfermeira não o ver chorar.

Quando o médico entrou, a enfermeira contou o que estava acontecendo com o cachorrinho.

— Matar este cachorrinho com uma injeção, enfermeira? Não faça isso. Vou tratar de suas feridas, desde que esteja disposta a cuidar dele depois. Seria triste demais matar um cachorrinho tão bonitinho como este.

A enfermeira não pensou duas vezes.

— Vou procurar um cantinho na enfermaria das crianças.

O médico cuidou das feridas de Totó. Arrumaram uma cesta para ele e o colocaram num cantinho da enfermaria onde poderia ficar forte de novo.

Uns dias depois, Joãozinho voltou ao hospital. Seu coração estava muito pesado, mas tinha que saber onde haviam enterrado seu cachorrinho. Perguntou à enfermeira com voz trêmula:

— Posso ver onde enterraram meu cachorrinho?

A enfermeira riu e disse:

— Venha comigo, que vai ver uma coisa muito melhor do que o lugar onde Totó está enterrado. A enfermeira levou Joãozinho até a enfermaria das crianças. Ele se sentiu muito acanhado ao ver os pacientes deitados nos leitos. Todos estavam olhando para ele. Imagine sua alegria quando Totó veio correndo e se lançou em seus braços!

Joãozinho ficou ainda mais feliz quando a enfermeira lhe disse:

— Acho que já pode levá-lo para casa. Vamos perguntar ao médico.

O médico concordou e Joãozinho disse:

— Muito obrigado Doutor.

— Joãozinho, antes de levar seu cachorro vamos ter que acertar meu serviço.

Joãozinho não havia pensado nisso. Perguntou:

— Doutor, em quanto vai ficar seu serviço?

— Cinquenta reais.

Joãozinho enfiou a mão no bolso e achou apenas uma moedinha de um real e uma bola de gude. Ele disse ao médico;

— Tenho só isto agora. O senhor me dá um prazo para trabalhar e ganhar o restante e acertar a conta?

Antes que o médico pudesse responder, lembrou-se de uma coisa. Enfiou a mão no outro bolso e disse:

— Doutor, tenho algo aqui que vale muito mais que cinquenta reais.

Tirou o Evangelho de São João do bolso e disse ao médico:

— Este é um livro maravilhoso. Quem o lê encontra a verdadeira felicidade. Este livro mudou a minha vida. Mudou a vida de meus pais também, pois nos ensina como amar a Jesus. Este livro vale muito mais que cinquenta reais.

O médico estranhou a forma de pagamento, mas ao ver o rosto sério de Joãozinho, resolveu aceitar.

Joãozinho voltou para casa carregando seu cachorrinho, pois ainda não conseguia correr como antes.

Naquela noite enquanto jantava com sua esposa, o médico comentou:

— Hoje aconteceu uma coisa muito estranha. Lembra do cachorrinho que atendi? Pois bem, o dono do cachorrinho não tinha dinheiro para pagar a conta, mas me ofereceu este livro. Disse que vale muito mais que cinquenta reais.

O médico tirou do bolso dele o pequeno Evangelho de São João, já bem gasto e um pouco sujo. Ao ver o livro, os olhos de sua esposa encheram-se de lágrimas. Aquele pequeno livro trouxe muitas lembranças dos tempos passados quando ela e seu marido dedicavam seu tempo e trabalho a Deus. Mas pouco a pouco se afastaram de Deus. Agora raramente se lembravam dele.

— Ó Leonardo! Como chegamos a nos esquecer de Deus? Deixamos que os prazeres desta vida tomassem conta da nossa vida. Vamos voltar a Deus?

— Vamos sim! Vamos voltar a confiar em nosso melhor Amigo.

Foi assim que o livrinho que o médico recebeu em pagamento do tratamento de um cachorro fez com que o casal voltasse a servir a Deus. Os cinquenta reais se transformaram num grande tesouro. ▲

O Mensageiro é publicado bimensalmente pela Igreja de Deus em Cristo – Menonita.

Endereço para correspondências e assinaturas:

O Mensageiro

Caixal Postal 105

75901-970 Rio Verde – GO (Brasil)

Fone: 64 3071 1831

e-mail: publicadora@menonita.org.br

Como assinar (para um ano): Com cheque nominal e cruzado de R\$30,00 (trinta reais) ou através de depósito na conta da Publicadora Menonita, no Banco Itaú:

Agência: 0322

Conta corrente: 34844-2

Enviar endereço completo e cheque ou comprovante de depósito para o endereço acima.